

RÉQUIEM PARA UM SACERDOTE

Edgard Steffen*

Fim de tarde no hospital de Piedade. Não sei porque nossa conversa havia derivado para recordações da vida em família. Meu interlocutor, colega de plantão, contou-me sobre seu “nono”, sempre de bem com a vida, meio quixotesco, pouco ligado ao sucesso financeiro, que era capaz de transformar situações difíceis em momentos de alegria e convívio.

A família de imigrantes italianos morava em um bairro de São Paulo e passava por dificuldades. O chefe teve uma idéia. A “mamma” faria pastéis de carne e palmito e a criança sairia a vender pela vizinhança. Às cinco horas da tarde, para aproveitar a saída das fábricas e a fome que precedia o jantar. Com o dinheiro da venda iriam comprar mais farinha de trigo, mais carne, mais toletes de palmito. Sonharam ampliar vendas e lucros. Quem sabe? Montariam um pequeno negócio usando os dotes culinários da “mamma”.

Cinquenta pastéis quentinhos e cheirosos foram acomodados em uma cesta de taquara forrada por pano branco, limpinho. De cada lado da alça, tampas garantiam a integridade e o odor chamativo dos produtos. Os de carne à esquerda e os de palmito à direita. Saíram os filhos todos animados a vendê-los. Quinhentos réis a unidade. Falhou a previsão do “cappo de famiglia”. A população e os operários do bairro em que moravam eram tão pobres quanto eles. Os “bambini” voltaram para casa com mais de trinta pastéis. Desanimados. Temerosos da reação do pai e da choradeira da mãe. O velho os surpreendeu. Deu cinco mil réis para a mãe e, com o restante, comprou um litro de vinho que regou o jantar da família à base de cançonetas italianas e dos pastéis encalhados.

Quem me contou essa passagem sobre seu “nono” chamava-se Diltor Vladimir Araújo Oppromola. O mundo inteiro - pelo menos na área de hansenologia - conheceu o dr. Opromolla. Em Sorocaba, nós o conhecemos por Diltor. Gente como a gente. Estudava, namorava, jogava basquete, lutava judô, participava das Festas da Amizade, dos chopes, dos bailes como qualquer um de nós. Mais do que os colegas, ainda estudante, dedicou-se de corpo e alma ao postinho de Prevenção de Doenças Venéreas, montado pelo Centro Acadêmico Vital Brasil, em sua sede na Rua Capitão José Dias. Como qualquer de nós, sonhava com a vida familiar e profissional que iria viver após a formatura. Ultrapassou-nos. Não somente em bondade e dedicação à profissão, mas no reconhecimento pela comunidade científica. Não tenho medo de dizer que, nesses cinquenta anos, de todos os diplomados

pela Faculdade de Medicina de Sorocaba, foi quem granjeou maior renome internacional.

Discípulo de Lauro de Souza Lima, dirigiu com dedicação e eficiência o instituto que leva o nome de seu mestre. Transformou o antigo Sanatório Aymorés de Bauru em um centro de pesquisa e treinamento em hansenologia, estágio obrigatório para todos os funcionários ingressantes na Dermatologia Sanitária do Estado de São Paulo. O Instituto Lauro de Souza Lima, pelo qual lutou e passou a dirigir, tornou-se referência em hanseníase no Brasil e em todos os países de língua portuguesa.

Diltor publicou 231 trabalhos científicos, foi pioneiro ao introduzir a Rifampicina no tratamento da hanseníase, na inoculação do *Mycobacterium leprae* em pata de camundongo. Criou programas para atendimento global do doente (prevenção do mal perfurante plantar, da cegueira, reabilitação e reintegração do doente em sua comunidade), fundou revistas nacionais e internacionais sobre a matéria, assessorou organismos estaduais, nacionais e a própria OMS (Organização Mundial de Saúde) em hanseníase. Foi homenageado por instituições de todos os níveis. Pouco tempo antes de falecer, foi homenageado pelo Ministério da Saúde como símbolo da luta contra a hanseníase no mundo.

Para nós, seus contemporâneos, o dr. Oppromola continua sendo o Diltor. Como seu avô, aprendeu que viver bem é mais importante que vender bem. Como seu “nono” dos pastéis, meio quixotesco, pouco ligado ao sucesso financeiro, foi capaz de transformar situações difíceis - dos seus doentes - em momentos de alegria, solidariedade e convívio. Em vez de rendosa clínica para atender pruridos, manchas e rugas de madames endinheiradas, optou pela dedicação plena a um grupo em que predominam os pobres. Mais que pobres, deserdados do convívio humano pelo preconceito ainda presente, contra uma doença que, um dia, se chamou lepra. Fez da especialidade verdadeiro e real sacerdócio.

*Homenagem de seus Amigos e Contemporâneos a
Diltor Vladimir Araújo Oppromola - aluno da 2ª Turma da
Faculdade de Medicina de Sorocaba - 13/4/1934 - 15/12/2004*